

# ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO/DO MATO GROSSO – O FALAR CUIABANO EM EVIDÊNCIA

Maria Inês Pagliarini Cox<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste texto, são reunidos estudos já realizados acerca do falar cuiabano. Eles são arranjados não cronologicamente, mas por temas e perspectivas teóricas. O primeiro tema reúne estudos sobre a história do falar cuiabano. O segundo tema retoma descrições de indicadores dialetais em nível fonético-fonológico e morfossintático. O terceiro tema concentra trabalhos sobre a variação e a mudança que vêm afetando o falar cuiabano, desde que se iniciou a nova colonização de Mato Grosso na segunda metade do século XX. E, finalmente, o quarto tema traz à tona a resistência inesperada de um traço estigmatizado – o rotacismo – ao processo de mudança em curso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Falar Cuiabano, Viés Histórico, Viés Teórico

## LINGUISTIC STUDIES IN/OF MATO GROSSO – THE CUIABANO DIALECT IN EVIDENCE

**ABSTRACT:** In this text, studies done about the cuiabano dialect are gathered. They are not arranged chronologically but according to thematic and theoretical perspectives. The first theme brings together studies about the history of the cuiabano dialect. The second theme works with descriptions of dialectal indicators in a phonetic-phonological and morphosyntactic levels. The third theme gathers studies on the variation and the change that have been affecting the cuiabano dialect since the beginning of the new colonization of Mato Grosso in the second half of the 20th century. And, finally, the fourth theme brings to life the unexpected resistance of a stigmatized feature – the rhotacism – to the process of change underway.

**KEYWORDS:** Cuiabano Dialect, Historical Bias, Theoretical Bias

---

<sup>1</sup> Professora do Program de Mestrado em Estudos de Linguagem da UFMT

## **Introdução**

Falar dos “estudos linguísticos no/do Mato Grosso” não é uma tarefa simples, dada a gama de caminhos que se abrem para a abordagem do tema. Assim, opta-se por abordá-lo pela via do objeto que singulariza a região – o falar cuiabano. Evocam-se estudos acerca do falar cuiabano que vêm sendo feitos desde 1978, como o trabalho inaugural de Maria Francelina Drummond, um trabalho descritivo de caráter dialetológico, nos moldes de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Os estudos não serão retomados segundo uma ordem cronológica, mas sim arrançados tematicamente em algumas subseções tendo como parâmetro os aspectos focalizados, assim como as perspectivas teóricas adotadas.

### **1. O falar cuiabano – um pouco de história**

A formação do falar cuiabano como uma variedade singular entre as variedades atestadas para o português brasileiro é um tema frequente nos estudos de Santiago Almeida (2000, 2005a e 2005b). O autor levanta aspectos da história social e cultural da Baixada Cuiabana, imprescindíveis à compreensão de certos traços linguísticos que caracterizam o português falado nessa região. Investiga a formação da etnia cuiabana, com destaque para a base humana e linguística. Seus estudos conjecturam a hipótese de que a paulistanidade caipira, trazida pelos Bandeirantes no início do século XVIII, foi uma influência decisiva na formação do perfil sociocultural do povo da Baixada Cuiabana. Afinal, as águas do Cuyabá eram utilizadas pelos bandeirantes e monçoeiros paulistas como caminho de acesso, primeiro, às minas de escravos indígenas e, depois, às minas de ouro. Destarte, o falar cuiabano seria o resultado do contato, bastante estreito, entre o dialeto caipira, recheado, ele próprio, de elementos típicos do português arcaico, e as línguas indígenas faladas na região. Para sustentar a tese de que traços do falar cuiabano são arcaísmos de português que chegaram à região com a fala caipira dos bandeirantes, Santiago-Almeida (2005b) realiza uma comparação entre pronúncias de vogais e consoantes ouvidas na Baixada Cuiabana e pronúncias registradas

pela literatura de história da língua portuguesa em séculos passados. Para ficar num único exemplo, pode-se citar o caso das consoantes africadas [tʃ] e [dʒ], que alguns pensam ser um traço exclusivo do falar cuiabano. Elas foram atestadas também em fases anteriores do português europeu. As consoantes [tʃ] e [dʒ] “estão presentes em mais de uma fase da história da língua portuguesa e permanecem vivas até hoje na expressão oral de muitos cuiabanos, provavelmente porque encontrou por lá um terreno fértil, adubado com línguas indígenas, em particular o bororo, que possuem tais fonemas” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005b, p. 87).

Já Souza (1999) vê na hipótese da origem crioula ou semi-crioula do português brasileiro uma explicação possível para a compreensão de traços peculiares do falar cuiabano. Para sustentar sua tese, busca, primeiro, retratar as condições sócio-históricas que favoreceram o processo de crioulação linguístico-cultural do cenário brasileiro. Acredita que “nos locais de aglomeração e aglutinação humana, especialmente na efervescência das minas, caldearam-se povos e línguas em todos os sentidos, resultando numa formação linguística híbrida, com tendências marcadamente crioulizantes”. A descoberta e a conseqüente febre do ouro em Mato Grosso, no início do Século XVIII, trouxeram à região grupos migratórios os mais diversos, engendrando uma situação de trocas linguísticas multilíngues. Entre bandeirantes e índios domesticados certamente predominava a língua geral. Contudo, migrantes negros e mestiços, vindos de Minas Gerais, Bahia e Maranhão, teriam trazido variedades linguísticas crioulizadas. Em Mato Grosso, como em outras zonas auríferas, a população era formada predominantemente por escravos africanos e seus descendentes. Confirmando essa tendência, Leverger observou que, no final do século XVIII, três quartos da população mato-grossense era formada por negros, mulatos e outros mestiços. Assim, muito provavelmente o português crioula falado por essa parcela da população, em contato com outras formações linguísticas, tenha dado origem ao falar cuiabano.

Em resumo, o falar cuiabano seria fruto ou de uma situação de isolamento que teria favorecido a conservação de traços de português antigo que chegaram à região via

dialeto caipira, ou de um processo de crioulização em que as gramáticas do português, das línguas indígenas faladas pelas nações que habitavam a região e das línguas africanas trazidas pelos escravos teriam se misturado (SOUZA, 1999), ou de influência do castelhano em vista da vizinhança com a América Hispânica e mesmo da presença dos espanhóis na região, antes da entrada das bandeiras paulistas, conforme Mendonça (1970). É bastante provável que os fatores focalizados individualmente por essas hipóteses tenham agido em conjunto na formação da identidade do falar cuiabano, como conjectura Dettoni (2003, p. 197):

Conviveram, nesta região, em diferentes momentos e em diversos graus de intensidade, as línguas indígenas nativas, a variedade castelhana da fronteira, a língua dos bandeirantes colonizadores, diversas variedades do português ali introduzidas pelos sertanistas migrantes, além da variedade falada pelos escravos para lá transferidos. Foi nesse contexto multilíngue e multidialetal que floresceu e se fixou a variedade de português falada, ainda hoje, na baixada cuiabana.

## **2. O falar cuiabano – os principais indicadores**

No curso de quase trezentos anos de esporádicos contatos com outras regiões do país, foi se engendrando na Baixada Cuiabana<sup>2</sup> uma variedade de português diferente de outras faladas no Brasil. Os imigrantes que aqui chegaram nas décadas de 1950, 1960 e 1970, impelidos pela “marcha para o oeste”, incentivada pelo presidente Getúlio Vargas desde os anos quarenta, mobilizados pelo sonho e empresa espetacular de construção de Brasília durante o governo de JK, seduzidos pelas políticas públicas de incentivo ao povoamento do Brasil Central e da Amazônia e encorajados pela pavimentação das rodovias BR-163 e BR-364, ambas ligando Cuiabá aos grandes centros do país, depararam-se

---

2 Denomina-se Baixada Cuiabana a região formada pelos municípios e comunidades que devem sua origem ao rio Cuiabá e seus afluentes. Segundo Santiago-Almeida (2005: 21), “as águas desses rios foram utilizadas pelos monçoeiros e bandeirantes paulistas, no século XVIII, como principal caminho de acesso, primeiramente, às aldeias indígenas (minas de escravos) e, depois, às minas auríferas da dita região”. Tais atividades econômicas deram origem ao povoamento dessa região, provendo-a de uma base cultural e linguística homogênea determinante na formação do falar cuiabano.

com brasileiros falantes de um português singular, pouco conhecido fora do estado de Mato Grosso.

Dentre os aspectos fonológicos envolvendo as consoantes, a realização das fricativas palatais [ʃ] e [ʒ] como as africadas [tʃ] e [dʒ], respectivamente, tem sido considerada a marca registrada do falar cuiabano e, não raro, usado como uma metonímia caricatural para designar a estranheza provocada pela variedade linguística aqui falada, a exemplo dos enunciados: (1) [ɛ kuja'banu de tʃapɐ e 'kruʃ] “É cuiabano de tchapa e cruz.”; (2) [l'laɪɐ de mo'adʒɐ] “Larga de moadje!”.

No falar cuiabano, não se realizam como africadas as consoantes oclusivas dentais [t] e [d] antes da vogal anterior alta [i], diversamente do que ocorre em muitos outros dialetos do português brasileiro. Ocorre também a palatalização da consoante fricativa alveolar [s] na posição de travamento de sílaba, lembrando a pronúncia carioca, nordestina e até mesmo a lusitana. Diz-se [l'kɔʃtɐ] e não [l'kɔstɐ]. Articulada com esse fenômeno da palatalização, compartilhado por inúmeras variedades de português, a eliminação da semivogal anterior [j], antecedendo a consoante palatal [ʃ] em sílaba final, é um indicador de cuiabania linguística: o que muitos brasileiros pronunciam como [l'dojs] ou [l'doʃʃ], o cuiabano pronuncia como [l'doʃ], eliminando a semivogal [j], quando ela existe, e não inserindo quando ela não existe, a exemplo de [xa'pajs] e [l'nojs], como é frequentemente ouvido em vários dialetos de português.

Um último fenômeno consonantal – o rotacismo – cabe ser aqui apresentado como um traço característico do falar cuiabano pela sua intensidade, mesmo não sendo exclusivo dessa variedade linguística. Nos encontros consonantais tautossilábicos, ouve-se [r] em vez de [l], [l'prakɐ], [l'krɔviʃ] e [l'grɛʃ] em vez de [l'plakɐ], [l'klɔvis] e [l'glejs]. Em outras regiões brasileiras, pela sua associação com ruralidade, oralidade e analfabetismo, é um traço estigmatizado e timbrado com a pecha de caipirismo, é um marcador<sup>3</sup> social, por assim dizer. Entretanto, na região da Baixada Cuiabana, é um indicador<sup>4</sup> linguístico, pois reúne, indistintamente, falantes das zonas

3 **Marcadores** são traços de linguagem que distinguem subgrupos – classes sociais diversas – dentro de uma mesma região e indicam maior ou menor formalidade (Possenti, 2002, p. 322).

4 **Indicadores** são traços de linguagem que distinguem um grupo de outro – digamos, uma região de outra –, mas não distinguem um subgrupo de outro na mesma região (Possenti, 2002, p. 321).

rural e urbana, pouco ou muito escolarizados e letrados, e ocorre em contextos de interação mais ou menos formais.

Em relação às vogais, dois processos, ambos envolvendo as nasais, soam não familiares a quem vem de outras regiões do país. Em primeiro lugar, nota-se o timbre da vogal baixa central [a] em contexto de nasalização. Uma palavra como “Ana”, que um paranaense, por exemplo, pronunciaria como [ˈɛnɐ], nasalizando e, concomitantemente, elevando a vogal, um cuiabano diria [ˈãnɐ], com uma nasalização mais tênue e sem elevação, à maneira do espanhol. Em segundo lugar, é notável também a singularidade na pronúncia do ditongo nasal <ão>. Uma palavra como “irmãos”, o falante cuiabano pronuncia não [i.ɹ ˈmõws], mas [i.ɹ ˈmõʃ], estando, pois, sujeita a um processo de homorganização entre vogal e semivogal (a vogal [a] se torna posterior, média e arredondada, assimilando propriedades articulatórias de [w]) que culmina com a monotongação do ditongo<sup>5</sup>.

Dentre os aspectos morfossintáticos, o traço que mais se sobressai é a não aplicação categórica da regra de concordância de gênero na locução nominal (Uai, Nenê! Cadê A COZINHEIRA NOSSO?)<sup>6</sup>, na relação sujeito-predicativo (No sítio eles falam que A CRIANÇA TÁ TORTO) e na anáfora pronominal (ÁGUA DE MANDIOCA, ELE mata carregador, o formigueiro que corta a pranta). Para uma análise mais consistente desse fenômeno, recomenda-se a leitura da tese *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso*, defendida por Rachel do Valle Dettoni em 2003, na Universidade Federal de Minas Gerais.

Além dessa singularidade, outro aspecto morfossintático bastante proeminente no falar cuiabano é ausência de artigo definido em sintagmas nominais, como neste exemplo registrado por Dettoni (2003, p. 12): “Mãe de meu vovô, que é pai de papai, foi índia”. Não menos perceptível é o uso de “no” (preposição *em* + artigo *o*) para designar “na casa de”: “Fui *no* comadre” corresponde a “Fui *na casa da* comadre”.

5 Para um estudo mais detalhado dos aspectos fonológicos do falar cuiabano, recomendo a leitura de Santiago-Almeida (2000 e 2005).

6 Os exemplos citados neste parágrafo e nos seguintes foram extraídos de Dettoni (2003). Foi preservada a transcrição proposta pela autora.

Cuiabanos costumam explicar tal uso de “no” como reminiscência da expressão “no solar de”, historicamente apagada/reduzida. Assim, removendo-se as camadas arqueológicas, encontrar-se-ia, subjacente a “Fui *no* comadre”, o enunciado “Fui *no solar da* comadre”. Investigando mais detidamente essa hipótese, Dettoni (2003, p. 10-12) assinala que ela não recobre todos os usos de “no”, assim como carece de evidência empírica – por exemplo, registro escrito de fases anteriores da língua – que a confirme.

Também singular é o uso do marcador conversacional “diz que” nas mais diversas construções: (3) “Ele começô co uma obração, *diz que* o verme comeu todo o intestino dele”; (4) “Aí ele foi *diz que* deitô lá, saiu foi deitô lá no corredor, aí fiquei que::to olhano pra ele assim”. Segundo Dettoni (2003, p. 13), nem sempre a expressão “diz que” carrega o sentido de indeterminação. Se no exemplo (3) esse sentido está presente, no (4) não. Um dos informantes entrevistados por Assis-Peterson (2005, p. 191) afirma que o “diz que” é a melhor invenção dos cuiabanos, pois permite-lhes dizer o que pensam sem se comprometerem.

Dentre os aspectos lexicais, estranha-se o uso de algumas palavras, ou porque não fazem parte do vocabulário de outras variedades de português, ou porque, se fazem, são empregadas com um sentido outro. Interagindo com cuiabanos, aprende-se que (5) “digoreste” é algo ou alguém bacana, nota dez, legal; (6) “tocera” é pessoa vaidosa, convencida; (7) “bambolê” é sandália de borracha, tipo havaiana; (8) “baleia” é ônibus urbano, lotação; (9) “bolicho” é vendinha; (10) “invisível” é grampo de cabelo; (11) “chiriri” é um pouquinho; (12) “rebuçar” é cobrir-se; (13) “xixir” é fazer cocô; (14) “cepo” qualifica pessoa formada, forte, grande; (15) “ajojar” [adʒo<sup>1</sup>dʒa] é juntar-se, arranchar; (16) “rir pra catiça” é rir muito; (17) “agora qua:::ndo?!” indica dúvida, espanto; (18) “tcha por Deus!” indica admiração, espanto; (19) “era e pacuera” significa algo muito antigo.

Certamente muitas características do falar cuiabano ficaram de fora desse retrato esboçado em traços mínimos, sobretudo aquelas que dizem respeito à entonação, ao ritmo descansado da fala cuiabana, aos acentos enfáticos usados para realçar certos sentidos, como por exemplo, para dizer

que “mora lá longe”, o cuiabano diria “mora lá::::: lo::::ndge”, espichando e encompridando as vogais tônicas, de modo a imprimir o sentido de “lonjura” no significante mesmo. De acordo com o mestre salesiano Mario Bordignon, essa toada é herança do bororo, nação indígena intimamente ligada à formação do povo cuiabano.

O imigrante que chegar hoje a Cuiabá certamente não ouvirá muitos desses indicadores, circulando pelas ruas da cidade e interagindo com as pessoas nas diversas esferas de atividades próprias dos espaços urbanos. Terá de se deslocar para as regiões ribeirinhas e conversar com pessoas mais velhas para reencontrar o presumido falar cuiabano autêntico.

### **3. O falar cuiabano – variação e mudança**

Aproximar-se do cenário mato-grossense no século XXI é aproximar-se de uma trama linguística que enreda muitas vozes. A história de sua formação, nos idos dos séculos XVIII, XIX e XX, e a sua história recente, nas últimas quatro décadas, entrelaçam-se e imprimem nesse tecido uma cor matizada. De um cenário linguístico aparentemente homogêneo, Mato Grosso se converteu, nesses tempos de intenso fluxo migratório, num cenário visivelmente heterogêneo. Escutam-se aqui não mais apenas as notas do falar cuiabano, mas também as do gaúcho, do paranaense, do catarinense, do goiano, do mineiro, do paulista, do nordestino entre outros brasileiros. As relações entre a variedade linguística local e as dos imigrantes estão longe de ser pacíficas. Aliás, tensão e conflito estão sempre presentes nos contextos onde diferenças linguísticas se entrecruzam, uma vez que as diferenças, via de regra, são hierarquizadas segundo o status sócio-econômico de seus falantes. Quer dizer, invariavelmente dividem-se em variedades de prestígio e variedades estigmatizadas, não pelo que elas são em si mesmas, mas pelo poder maior ou menor de seus falantes.

Os imigrantes que aqui chegaram, chegaram grávidos da profecia emissária do ocidente, para cultivar não só a natureza selvagem, mas também a presumida barbárie que era a cultura mato-grossense. Com esse espírito missionário,



interpretam a língua local como uma língua estropiada e, bem-intencionados, desejam corrigi-la. Enfim, a convivência entre os mato-grossenses de “chapa e cruz” e os “paus-rodados” é marcada por embates culturais de toda ordem. Uma vez mais na história da humanidade, o processo de colonização de um novo mundo se reedita como processo de ocidentalização. Os colonizadores que aqui aportaram nas últimas quatro décadas – oriundos principalmente das regiões sul e sudeste, que se representam e apresentam diante dos outros brasileiros como a parte esclarecida e desenvolvida da nação – tenderam a interpretar o mato-grossense nativo e suas diferenças culturais e linguísticas como má diferença, como defasagem, como falta, como atraso, como um momento já superado de sua própria história. Essa leitura justificava, assim, a boa intenção de promover o outro à maioria cultural. O ocidente é sempre bem intencionado! Quer dizer, envergando as bandeiras do progresso e da civilização, os colonizadores transformam diferenças qualitativas em diferenças quantitativas. Não conseguem não hierarquizar, mais exatamente, inferiorizar a diferença. Não conseguem não desejar intervir na diferença. Se a diferença é a má diferença, então intervir na vida do outro é um imperativo moral categórico. Em nome da boa diferença, justifica-se matar a má diferença, justifica-se o etnocídio. Como diz Clastres (1982), em frase lapidar, “A ética do etnocídio é a espiritualidade do humanismo”.

De tanto ouvir que sua fala é “horrível”, “esquisita”, “estranha”, “caipira”, “carregada”, “arrastada”, de tanto sentir-se sub-avaliado, subestimado, minorizado, estigmatizado, ridicularizado, de tanto ver-se pelo olhar do colonizador, hoje maioria no Estado, o mato-grossense foi passando, ele mesmo, a ver-se/pensar-se/dizer-se pela voz do outro – “pelo amor de Deus, esse nosso “tcha-tcha-tcha” é horrível!”. Sua voz é uma resposta em eco da voz do colonizador. Assim, o mato-grossense foi desenvolvendo uma atitude de vergonha em relação à sua língua materna, um desejo de calá-la, principalmente nos espaços onde a interação com os “estrangeiros” era inevitável. Nesses espaços, expressar linguisticamente a identidade de cuiabano era tornar-se alvo de deboche. Assis-Peterson (2005, p. 195), ouvindo

cuiabanos acerca de sua língua materna, observou que “Sob o impacto de forças discriminatórias e de diferentes pressões sociais a estigmatizar a pronúncia carregada dos cuiabanos, fortemente marcada pelos sons [tʃ] e [dʒ], muitos cuiabanos viram-se obrigados a apagar traços de seu linguajar”. Nessa conjuntura desfavorável à cultura local, o falar cuiabano foi fenecendo.

Desde a década de 1980, estudos vêm apontando profundas mudanças no falar cuiabano. Registrara Palma (1983 e 1984) que, entre os cuiabanos jovens, as africadas [tʃ] e [dʒ] estavam deixando de ser variantes das fricativas [ʃ] e [ʒ] para serem variantes das oclusivas dentais [t] e [d] seguidas contiguamente pela vogal [i]. Eles abandonavam formas como [tʃuvɐ] e [dʒukɐ], mas incorporavam formas como [dʒivɐ] e [tʃivɐ]. Se do ponto de vista fonético, quer dizer, estritamente linguístico, são semelhantes, do ponto de vista sociolinguístico valem diferentemente. Como variantes de [ʃ] e [ʒ], [tʃ] e [dʒ], respectivamente, revestem-se de uma aura negativa decorrente do processo de folclorização da essência, por assim dizer, do falar cuiabano no novo cenário sócio-econômico-cultural. Porém, como variantes de [t] e [d], [tʃ] e [dʒ] são avaliados positivamente, desejados e incorporados à fala dos mais jovens.

Também Dettoni (2003 e 2005) constata, tratando da variação na concordância de gênero na retomada anafórica de itens lexicais femininos por *ele(s)/ela(s)*, estar diante de um caso de mudança em progresso, com tendência nítida para o desaparecimento da variante cuiabana *ele(s)*. Diz a sociolinguísta: “Embora a variação na concordância de gênero não constitua um dos traços mais marcantes do falar cuiabano, inclui-se perfeitamente no conjunto das formas estigmatizadas” (DETTONI, p. 2003, 166). A respeito desse traço, ainda em 1980, um dos informantes de Palma dizia: “nós, de fora, devemos ajudar os cuiabanos a mudar todo esse jeito de falar, porque, por exemplo, eles usam ELE quando se referem a mulher... como se mulher fosse homem”. Esse depoimento mostra de forma contundente a pressão linguística exercida pelos imigrantes sobre o uso da forma *ele(s)*, pelos falantes cuiabanos, na retomada de termos femininos. Os trabalhos de Dettoni demonstram (1)

que os falantes cuiabanos aprenderam a variante alternativa *ela(s)* para retomar itens lexicais femininos; (2) que as retomadas por meio de *ele(s)/ela(s)* coexistem em alguns falantes; (3) que alguns falantes cuiabanos, entre os mais jovens e mais escolarizados, fazem uso categórico da variante *ela(s)*. Segundo a autora (2003, p. 166), “a mudança na concordância de gênero enquadra-se em um movimento mais geral de mudanças que envolvem a neutralização das mais diversas características dialetais e sugerem, para o falar cuiabano, um processo de morte”.

Traços de prestígio são mais resistentes à mudança. Por exemplo, é ainda bastante vigorosa a pronúncia da fricativa em posição de travamento de sílaba não como alveolar [s], mas como palatal [ʃ]. Ouvem-se com frequência formas como [treʃ], [kaʃkø] etc. Esse é um traço presente também no falar carioca que, pelo seu prestígio nacional, funciona como modelo a ser seguido. Contudo, na contramão de todas as expectativas, há um traço altamente estigmatizado que vem resistindo ao processo de mudança que afeta o falar cuiabano como um todo – o rotacismo nos encontros consonantais tautossilábicos.

#### **4. O falar Cuiabano – a inusitada sobrevivência de um traço estigmatizado**

As relações de força que agiram/agem no mercado linguístico mato-grossense praticamente calaram as principais divisas que separavam o falar cuiabano das demais variedades regionais do português brasileiro. Foi tanto o escárnio em torno do [tʃ] e do [dʒ], que o traço-símbolo da cuiabanidade linguística hoje só é ouvido, no espaço urbano, como estilização do homem cuiabano tradicional em representações teatrais e midiáticas. Contemporaneamente, o falar cuiabano vem sendo identificado menos pelas suas consoantes africadas e mais pelo fenômeno do rotacismo.

Se antes o falar cuiabano era identificado por um traço que funcionava predominantemente como indicador agora o é por um traço que funciona como marcador. Quer dizer, passa-se de um particularismo incomensurável para um traço que funciona como marcador social e que, portanto,

pode-se medir pelo metro que vai das variedades estigmatizadas às variedades de prestígio. Se o [tʃ] e o [dʒ] ofereciam dificuldade de leitura quando contrapostos às leis do mercado linguístico, sendo avaliados como “horrível, feio, estranho, esquisito, carregado”, o rotacismo é fácil e ligeiramente lido, por esse esquadro, como “erro”. O cuiabano não é mais aquele que fala “esquisito”, mas aquele que fala “errado”.

Alguns estudos revelam a produtividade do rotacismo nos encontros consonantais. Assad e Cox (1999) apontaram a inscrição sistemática do rotacismo na grafia de crianças cuiabanas em processo de alfabetização, conjeturando tratar-se de um hábito fonético-fonológico da língua materna que se insinua na modalidade escrita. Santiago-Almeida (2000, p. 173), em pesquisa realizada entre falantes com mais de 50 anos, com baixo grau de escolaridade, e com uma história de vida genealógica, cultural e linguisticamente ligada à Baixada Cuiabana, constatou que a variante rotacizada ocorre em 100% dos casos de encontros consonantais localizados no corpus de registro oral. Quer dizer, na gramática internalizada de falantes com esse perfil parece não haver encontros consonantais com a lateral /l/, apesar de toda a mudança que se operou no cenário linguístico da região nos últimos 30 anos. Franciscone & Teixeira (2003), numa pesquisa realizada na Baixada Cuiabana, com informantes do sexo feminino e nível médio de escolaridade, chegaram a um resultado semelhante ao de Santiago-Almeida: na narrativa espontânea houve 100% de ocorrência de formas rotacizadas e, no teste de leitura, 96,25%. Zambotto de Lima (2008), em pesquisa realizada na Comunidade de Mata-Cavalo, localizada em Nossa Senhora do Livramento, Município que integra a região da Baixada Cuiabana, também constatou a ocorrência do rotacismo em 100% dos contextos favoráveis ao uso registrados no corpus, independentemente do grau de escolaridade dos falantes e de outros fatores como idade, por exemplo. É curioso que um traço como a africacão de [ʃ] e [ʒ] seja encontrado apenas na fala dos velhos dessa comunidade e o rotacismo, na fala de todas as gerações. Os trabalhos de Cox (2001, 2003, 2004, 2005, 2006a, 2006b, 2007, 2008a, 2008b), voltados para o exame de eventos de escrita em diversas esferas de

comunicação do espaço urbano de Cuiabá, revelam que até mesmo em situações de bastante formalidade, como o de uma carta de apresentação, por exemplo, o rotacismo se indicia com uma certa frequência.

Em conjunto, os resultados dessas pesquisas evidenciam que a escolaridade e o letramento não têm garantido a autocorreção da variante [r] nem mesmo nas situações que exigem um estilo tendendo para o extremo mais monitorado. É difícil, mas não impossível, que as próximas gerações da comunidade cuiabana se deparem com um sistema de escrita em que os encontros consonantais com a letra < l > representem uma forma arcaica. Por uma confluência de fatores, o falar cuiabano está se encarregando de levar adiante uma deriva fonológica que se insinuara no latim vulgar, florescera no período de formação do português na Península Ibérica e navegara por mares e rios nunca dantes navegados, à margem do processo de gramatização e normatização jurídica da língua que tentara represá-la. Como bem lembra Bagno (2003, p. 127), citando Horácio, não adianta expulsar a natureza com um forçado, pois ela sempre ressurgirá (*Naturam expellas furca, tamen usque recurret*—Epístola X, 24). Revigorado por um mameluquismo linguístico, o rotacismo nos encontros consonantais viça nas terras da Baixada Cuiabana, resistindo à conjunção de forças centrípetas que agem sobre ele para transformá-lo em /l/. Nos confins da América, o português segue cumprindo tendências que se insinuaram na aurora da língua. Que seja bem lembrado, o rotacismo do falar cuiabano não é sinal de ocaso do português! As línguas vivas não têm ocaso. Se variam e mudam na boca de aloglotas é porque estão vivas, muito vivas...

## Referências

ASSAD, Cáder Faisal & COX, Maria Inês Pagliarini. O *ele* e o *erre* só trazem “compricação”: um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, V.8, N°13, p.143-156, janeiro/junho, 1999.

ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. A encenação do falar cuiabano por vozes cuiabanas. In: Cox, M. I. P. & Santiago-Almeida, M. M.

(orgs.). **Vozes cuiabanas**: estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral, 2005, p.183-212.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COX, M. I. P. Crique aqui: Um signo mestiço. **Signum**, Londrina/PR, n. 4, p. 83-96, 2001.

\_\_\_\_\_. Fricções linguístico-culturais na arena de sala de aula: fronteiras ou barreiras. *Signum*, Londrina, v. 5, p. 85-104, 2003.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da língua: muito siso e pouco riso. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 63, p. 135-148, 2004.

\_\_\_\_\_. e SANTIAGO-ALMEIDA, M.M. (Orgs.). **Vozes cuiabanas**: Estudos Linguísticos em Mato Grosso. 01. ed. Cuiabá: Cathedral, 2005. v. 01. 227 p.

\_\_\_\_\_. O rotacismo no falar cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do português brasileiro. In: Cox, M. I. P. & Santiago-Almeida, M. M. (orgs.). **Vozes cuiabanas**: estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral, 2005, p. 95-113.

\_\_\_\_\_. Linguas misturadas: para além de bem e mal. **Cadernos de Educação** (Cuiabá), v. 10, p. 71-88, 2006a.

\_\_\_\_\_. e PETERSON, A. A. A. . The notion of transglossia and the phenomenon of linguistic mestizations in contemporary societies. **Revista da ANPOLL**, v. 20, p. 131-151, 2006b.

\_\_\_\_\_. Quanto vale o falar cuiabano no mercado linguístico mato-grossense. In: Maria Inês Pagliarini Cox. (Org.). **Que português é esse? Vozes em conflito**. 1 ed. São Carlos e Cuiabá: Pedro & João e EdUFMT, 2008a, v. 3, p. 21-49.

\_\_\_\_\_. O falar cuiabano entre aspas: uma concessão à voz outra. In: Sírio Possenti; Roberto Leiser Baronas. (Org.). **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise de discurso do Brasil**. 1 ed. São Carlos: Pedro & João, 2008b, v. 1, p. 159-179.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Que português é esse? Vozes em conflito**. 1. ed. São Carlos/ Cuiabá: Pedro & João Editores/EdUFMT, 2008. v. 1. 151 p.

\_\_\_\_\_. Ensino de língua portuguesa: por uma pedagogia da festa. In: Kátia Mota; Denise Scheyerl. (Org.). **Espaços Linguísticos**:

resistências e expansões. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2007, v. 1, p. 251-281.

\_\_\_\_\_ e PETERSON, A. A. A. . Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades complexas sem nostalgia. In: Marilda C. Cavalcanti; Stella Maris Bortoni-Ricardo. (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. 01 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2007, v. 1, p. 23-43

DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal**: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – *Mato Grosso*. Tese de Doutorado, UFMG/ POSLIN 2003.

\_\_\_\_\_. A concordância de gênero no falar cuiabano: a trajetória de uma mudança linguística em curso. In: Cox, M. I. P. & Santiago-Almeida, M. M. (orgs.). **Vozes cuiabanas**: estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral, 2005, p. 51-67.

DRUMMOND, Maria Francelina. **Do falar cuiabano**. Cadernos Cuiabanos. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

FRANCISCONE, I. M. & TEIXEIRA, I. A. **O fenômeno do rotacismo entre mulheres da Baixada Cuiabana com escolaridade não superior ao ensino médio** (Trabalho de conclusão da disciplina Linguística IV - mimeo), 2003.

FURTADO, Márcia. **Derrisão no gênero anedotário político**. Dissertação de Mestrado. Cuiabá, MeEL/IL/UFMT, 2005.

MENDONÇA, Rubens. **História de Mato Grosso**. São Paulo: Ave Maria, 1970.

PALMA, Maria Luíza Canavarros Palma. **Variação fonológica entre segmentos africados e fricativos em Mato Grosso**: um estudo sociolinguístico. PUC/RJ, Dissertação Mestrado, Área de Língua Portuguesa, 1980

\_\_\_\_\_. Aquisição de um traço de prestígio por adolescentes cuiabanos. **Revista Universidade-UFMT**. Cuiabá, no.1, 1983, p. 07-22.

\_\_\_\_\_. Valor Social do falar cuiabano. **Revista Universidade-UFMT**. Cuiabá, no. 2, 1984, p. 49-52.

\_\_\_\_\_. **Variação fonológica na fala de Mato Grosso**: um estudo sociolinguístico. Cuiabá: EdUFMT, 1984b.

\_\_\_\_\_. O falar cuiabano em Mato Grosso – estigma, status e atalhos. In: Cox, M. I. P. & Santiago-Almeida, M. M. (orgs.). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005, p. 139-166.

POSSARI, Lúcia Helena Vendrusculo. Falar e dizer cuiabano na mídia: signos que se renovam. In: Cox, M. I. P. & Santiago-Almeida, M. M. (orgs.). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005a, p. 167-181.

POSSENTI, Sirio. Um programa mínimo. In: BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 317-332.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para a história do português brasileiro: lote cuiabano. In: Cox, M. I. P. & Santiago-Almeida, M. M. (orgs.). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005, p. 21-28.

\_\_\_\_\_. Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano. In: Cox, M. I. P. & Santiago-Almeida, M. M. (orgs.). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005b, p. 69-93.

\_\_\_\_\_. **Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII)**. Tese de Doutorado, São Paulo, USP/FFLCH, 2000.

SOUZA, Ulisdete Rodrigues de. **Fonologia do português mato-grossense: perspectiva crioulística**. Dissertação de mestrado, Brasília, UnB, 1999.

ZAMBOTTO de LIMA, Criseida. O rotacismo no vernáculo de Mata-cavalo. In: COX, Maria Inês Pagliarini. **Que português é esse? Vozes em conflito**. São Carlos/Cuiabá: Pedro & João/EdUFMT, 2008, p. 115-136.